

Produção colaborativa Forma (in)Formação

Collaborative production Form (in)Formation

Luciana Abitante Swarowsky

UFSM – Santa Maria, Brasil
lubitante@gmail.com

Lucas Figueiredo Baisch

UNIJORGE – Salvador, Brasil
lucas.baisch@gmail.com

Maria Elena Tosello

FADU/UNL – Santa Fe, Argentina
maritosello@gmail.com

Luis Gustavo Gonçalves Costa

UNIJORGE – Salvador, Brasil
costaluisg@gmail.com

Cecilia Verónica Zorzon

FADU/UNL – Santa Fe, Argentina
ceciliazorzon@gmail.com

ABSTRACT

Transforming the work in a dynamic system, Form (in) formation is a poetic construction that addresses different creative processes in order and in evidence of the collaborative power of a digital image reproduction to the same extent that misaligns copyright borders of his own artistic production. Therefore, this article shows some ways that made possible interventions that prioritize distinct visual and exchange files via internet during this participatory process. Structured in two parts, the first dealing with participatory demonstrations in contemporary artistic productions. The second points to the aspect of the Form (in) formation project that involves the collaboration of invited people as a main constituent between the artistic practices involved.

KEYWORDS: imagens compostas; processos colaborativos, arte contemporânea

Processos colaborativos na arte contemporânea

Os avanços e as transformações tecnológicas, econômicas, sociais e culturais a partir do século XX, bem como a democratização das tecnologias de informação a partir da década de 1980, podem ser percebidos como influências diretas para um alargamento no âmbito artístico e, por sua vez, na maneira como passa atuar o artista contemporâneo. O desenvolvimento da tecnologia numérica, aliado a proliferação das telecomunicações, em específico à internet, proporcionou o envio de diferentes tipos de dados aos mais diferentes pontos do planeta. Como consequência, muitas ferramentas tecnológicas passaram a alterar a percepção que se tem da realidade e do mundo, transformaram-se também em ferramentas de significação e, assim, ferramentas de grande importância a diversas práticas que fomentam o universo artístico contemporâneo. Ao permitir a possibilidade de entrecruzar tecnologia e arte, as ferramentas tecnológicas não apenas propiciam o surgimento de novas estéticas como, também, possibilitam redefinições de paradigmas teóricos voltados a relações autorais de alguns tipos específicos de produções de arte, como, por exemplo, aquelas que

envolvem práticas de experimentações referenciadas no trabalho colaborativo.

Uma das características decorrente do uso de ferramentas digitais na prática artística contemporânea é o surgimento de novas poéticas artísticas e, por sua vez, narrativas visuais de caráter simulado ou numérico. Ao levar em consideração o uso de uma mídia como o computador, muitas obras apresentam a possibilidade de serem alteradas e redispuestas. Ao se darem a ver por meio de números, imagens digitais como a fotografia digital, rompem com o real e, uma vez numeradas, tornam-se objetos totalmente autônomos e modificáveis. Ao oferecer uma percepção muitas vezes diferenciada enquanto narrativa visual, muitas obras colaborativas partem deste pressuposto autônomo da imagem digital e baseiam-se no princípio de ressignificação da mesma para, então, propor uma percepção diferenciada da realidade original daquela oferecida pela imagem.

À medida que as novas tecnologias passam a instaurar processos de criação apoiados na interação e na ramificação da informação (PLAZA, 1998), criações poéticas mediante combinações e misturas

variadas também passam a ser estabelecidas. Novas tecnologias geram novas situações comunicativas porém, seria ilusório pensar que processos criativos que envolvem colaboração e participação do público sejam frutos de narrativas visuais originadas junto aos recursos computacionais. Ao longo do século XX muitos artistas questionaram a participação do espectador frente a obra de arte em uma realidade muito distante das novas tecnologias digitais. Marcel Duchamp, ao propor uma arte centrada em sua distribuição, enviou cartões postais aos vizinhos e tornou-se em 1916 um dos precursores da *mail art* ou *arte postal* ao realizar *Rendezvous of 6 February*. Da mesma maneira, se beneficiando de um tipo de arte que implica o intercâmbio de informações como obra e se sucedendo em forma de rede, Ray Johnson, ao formalizar o correio como um veículo de expressão e integração, adota sentidos multidisciplinares a partir de sua criação *New York Correspondence School of Art*. A partir disso, muitas criações tornam-se produtos de comunicação onde elementos como interatividade e produção coletiva são partes constitutivas em destaque e que, por sua vez, possibilitam uma obra em constante processo de modificação, bem como, de coautoria.

Explorados de diferentes modos e redefinindo as experiências humanas, na atualidade os recursos computacionais redefinem as barreiras espaço-temporais, da mesma maneira que, os diferentes campos perceptivos possibilitam que seja possível experimentar, transformar e intensificar os modos de sentir e ver o mundo e, assim, conforme Arantes (2005), permitir e ampliar a criação de espaços específicos de cooperação. Porém, isso apenas torna-se possível com o auxílio de ferramentas tais como as interfaces, que são capazes de traduzir e transcrever os diversos tipos de sinais produzidos. Simples ou complexa (um teclado, um *mouse* ou uma densa tela de sensores sensíveis), a ausência de interface em processos criativos dependente da mediação tecnológica, tal como no desenvolvimento deste trabalho, compromete o diálogo entre as diferentes partes e, assim, a relação entre espectador e obra. Não apenas o desenvolvimento do processo artístico em si fica comprometido, mas, também, a recepção da obra junto ao público.

Reanimando o processo criativo e atravessando as fronteiras pré-estabelecidas de moldes artísticos tradicionais, as obras colaborativas geralmente são originadas por meio de associações entre artista e espectador. E, sendo o espectador convidado a participar e intervir na obra, a sua ação de ressignificação não apenas é fundamental para a construção poética e sensível da mesma como, também, é definitiva para que a obra se desenvolva e aconteça. Passando a estabelecer junto com o autor uma relação de *coprodução* (Levy, 1999), este espectador (que também se encontra na posição de interventor e participante)

torna-se um *coautor* (Couchot, 2003) e assume uma postura ativa e muito significativa diante do processo de produção artística. Ao agir sobre a obra, este sujeito credita nela a sua presença e subjetividade e, assim uma nova/outra significação a mesma como um todo. Dessa maneira, como consequência de tais implicações no processo de criação da obra, o andamento autoral da produção artística tradicional, baseada na sólida pirâmide de autor-obra-espectador se liquefaz e se redefine na contemporaneidade.

Diante de um novo engendramento estético, centrado em obra/processo e onde barreiras físicas, espaciais e técnicas são quebradas, trabalhar conceitos de interação e produção colaborativa fazem do processo artístico um amplo intercâmbio ou fluxo de formas e informações que adicionam novas e diferentes visões a uma mesma obra. É no trabalho e na reflexão de cada um desses conceitos que a prática colaborativa *Forma (in) Formação* procura transformar a obra em um sistema dinâmico e produzir, assim, novos significados.

Processos colaborativos: Forma (In)Formação

A infinita possibilidade numérica, que muitas vezes induz a uma obra aberta, permite que as obras sejam vivenciadas pelo espectador que, por sua vez, agrega a ela novos valores e transforma a sua apresentação, distribuição e criação. Envolvendo questões de simulação, imaterialidade, temporalidade, virtualidade, simultaneidade e interdisciplinaridade (ASCOTT IN GIANNETTI, 2001) na pretensão de uma estética diferenciada, enriquecida de ações participativas que desalinham as fronteiras autorais da produção artística, esta produção colaborativa denominada de *Forma (in) Formação* busca tornar visível imagens compostas (PLAZA, 1998) e que se dão a ver meio de um processo artístico interativo.

Inspirada na *mail art* e, através de uma prática transdisciplinar, fazendo a obra circular por países como Brasil, Argentina e Chile, *Forma (in) Formação* é uma narrativa visual que conecta artistas e espectadores através dos benefícios da tecnologia digital que o nosso tempo oferece. O processo artístico é fundado por regras pré-estabelecidas junto aos seus organizadores e se estabelece por meio de diálogos imagéticos digitais mediados por um correio eletrônico criado especialmente para o trabalho (*exposigradi@gmail.com*). Com 5 organizadores, *Forma (in) Formação* traz ainda outros 10 colaboradores que irão tornar a prática artística ainda mais dinâmica. Lembrando que, é através deste correio eletrônico que um dos organizadores (denominado coordenador) administra e centraliza a operação de distribuição/recebimento das imagens semanalmente (durante 4 semanas)

entre este grupo que, por fim, soma 15 participantes/interventores¹.

Uma vez definido os colaboradores, sucede-se uma troca de 10 matrizes² fotográficas, criadas e enviadas por 10 participantes (5 organizadores e 5 colaboradores) onde, cada um desses envia uma matriz (sucessivamente denominada de MATRIX 01, MATRIX 02, chegando até a MATRIX 10) a um outro participante dentre os 15. As intervenções seguem duas diferentes categorias: (A) *real*, quando a intervenção é realizada em meio físico e (B) *digital*, quando as intervenções realizadas desenvolvem-se somente por meio de *softwares*. Cada uma dessas duas categorias divide-se em quatro subcategorias: forma, cor, adição e subtração de dados diversos. Vale ressaltar que, independente da intervenção escolhida, real ou intermediada por interfaces e *softwares* a nova imagem que se origina deve retornar de forma digital ao correio eletrônico e, assim, pronto para mais uma nova sucessão de ressignificação cessando somente quando chegar no seu quarto interventor e, assim, encerrando um fluxo contínuo de formas e informações agregadas a uma mesma imagem.

Pré-estabelecida, a troca de arquivos seguiu aos cuidados do coordenador e tornou-se elemento constituinte fundamental para a adição/fusão de elementos e subjetividades a cada matriz/obra causando então, uma total ressignificação ao original fotográfico. Implicando cuidados especiais por parte do coordenador, de estar sempre atento com o enviar não repetido de uma mesma matriz intervinda a um mesmo participante e, também, ao seu criador original, todo o grupo intervêm em fotografias diferentes, criando expectativas e curiosidades diversas que serão supridas somente na exposição geral das obras finais no Hall Universidade UNIFOR, junto ao evento SiGraDi/2012.

Exemplificando tal processo, as figuras que seguem (Fig. 01, Fig. 02, Fig. 03 e Fig. 04) tornam aparentes as intervenções que transformaram e, ao mesmo tempo, originam uma nova imagem por meio de uma contaminação cíclica à MATRIX 07.

Não limitada à tecnologia digital, mas dependente dela para que a imagem se concretize e se distribua, as imagens apresentadas resultam da soma de ações individuais e coletivas. Nelas, é possível ver a contaminação de cada uma das etapas e perceber a obra sob outro aspecto. Permitindo experiências em diferentes espaços, tempos e subjetividades a MATRIX 07, bem como todas as que compõem a exposição *Forma (in) Formação*, nos apresenta apenas algumas das infinitas possibilidades do numérico junto ao prisma artístico contemporâneo. Porém, o processo de instauração de novas imagens a partir da participação colaborativa possibilita uma criação de obra deliberada



Fig. 01. Matrix 07: O início do processo

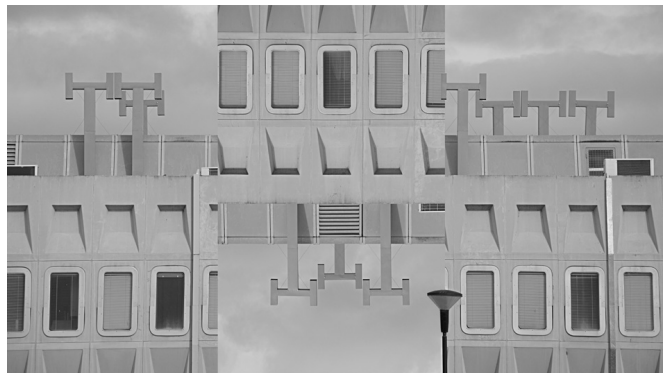


Fig. 02. Matrix 07: Intervenção 1

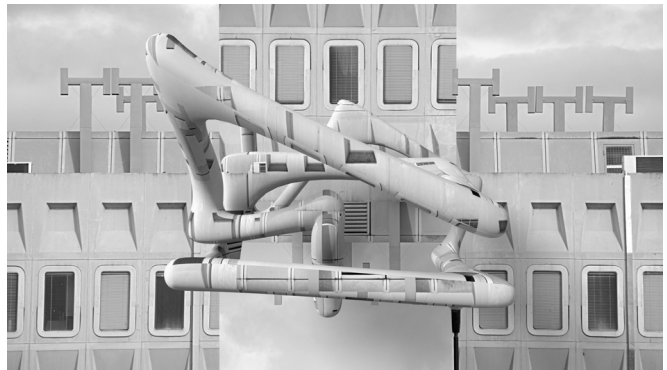


Fig. 03. Matrix 07: Intervenção 2



Fig. 04. Matrix 07: Intervenção Final

dos conceitos tradicionais de produção artística dos quais estamos acostumados. Por fim, a experiência desta produção, baseada em relações participativas junto ao ambiente cibernético, faz com que a interação social, cultural e intelectual despertada em cada imagem, aponte para uma concepção de arte dinâmica, baseada na tecnologia digital e no diálogo com o outro. Dessa maneira, pode-se afirmar que é no trabalho e na reflexão de conceitos participativos e colaborativos, que a prática colaborativa Forma (in) Formação transforma a obra em um fluxo de elementos sensíveis e estéticos para, então, produzir novos significados poéticos de uma autoria que se dá no coletivo.

Agradecimentos

Aos co-autores que participaram dessa experiência, tornando-a enriquecedora a todos nós: André Mello, Eliana Abitante, Fabián Hernandez, Fátima Fontenelle, Federico Leonardo Salvarredy, José Luis Roces, Nicolas Saez, Raquel Fonseca, Sthefania Campos Habeyche e Tâmisia Trommer, nosso muito obrigado!

Referências

Arantes, P. 2005. *Arte e mídia*. São Paulo: Editora Senac.

Couchot, E. 2003. *A tecnologia na arte: da fotografia à realidade Virtual*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS.

Lévy, P. 1999. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

Plaza, J. 1998. *Processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais*. São Paulo: Editora Hucitec.

¹ 5 coordenadores + 10 colaboradores/interventores

² originais fotográficos denominados aqui de MATRIX.